

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

MAIKE MATIPU

ORIGEM DA PINTURA DO LUTADOR MATIPU

**Barra do Bugres
2016**

MAIKE MATIPU

ORIGEM DA PINTURA DO LUTADOR MATIPU

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Línguas, Artes e Literatura.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Mônica Cidele da Cruz

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

M433o MATIPU, Maíke.

Origem da pintura do lutador *Matipu* / Maíke Matipu. – Barra do Bugres, 2016.

24 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. (colorido).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura Intercultural Indígena, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Cidele da Cruz.

1. Povo *Matipu*. 2. Pintura Corporal. 3. Lutador. 4. Cultura. I Cruz, M. C. da, Dra. II Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

MAIKE MATIPU

ORIGEM DA PINTURA DO LUTADOR *MATIPU*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Licenciatura Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Línguas, Artes e Literatura.

Barra do Bugres, 28 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Mônica Cidele da Cruz
Professora Orientadora

Prof. Esp. Aigi Nafukuá
Professor Avaliador

Prof. Me. Isaías Munis Batista
Professor Avaliador

**Barra do Bugres
2016**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho para minha esposa Soko Kujahi Agika Kuikuro, aos meus filhos, às famílias e filhos da comunidade. Através do conhecimento do meu povo Matipu, consegui realizar o trabalho e fortalecer a cultura para futuras gerações.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos dois anciões narradores da história do passado. Principalmente agradeço ao meu pai Yamatuá Matipu, reconhecido como grande flautista e cantor.

Agradeço, ainda, Manufá Matipu, que me auxiliou durante a pesquisa sobre o conhecimento dos antepassados.

Agradeço a toda minha família que fez o trabalho comigo, e também agradeço muita minha esposa Soko Kujahi Agika Kuikuro, meus filhos Amatuá Matheus Matipu, Kaintehi Marquinho Matipu, Tahugaki Parisi Matipu e Ariati Maiate Rebeca Matipu.

Agradeço à comunidade que participou da minha apresentação de trabalho e alguns colaboraram quando eu estava produzindo junto com os alunos.

Agradeço, também, a minha orientadora professora Dr.^a Mônica Cidele da Cruz, que explicou como fazer o trabalho de conclusão do curso (TCC), durante a etapa.

Agradeço à Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso, e também à equipe da SEDUC e FUNAI.

Agradeço à UNEMAT, onde tive oportunidade de estudo para aprofundar mais sobre o conhecimento dos não indígenas, de outras culturas indígenas e, também, de mostrarmos nossa tradição.

RESUMO

O tema de pesquisa é sobre a pintura do lutador Matipu. O objetivo do trabalho foi pesquisar a origem da pintura da *ekege* (onça), que identificava os lutadores antigamente, e sua relação com a luta huka-huka. Essa pintura é bastante valorizada pelos idosos, que conhecem sua história, mas, entre os jovens, está havendo o uso dessa pintura em festas e outras ocasiões, o que representa desrespeito e desconhecimento da cultura. Durante a pesquisa, gravei entrevista com o cacique Yamatuá Matipu e com o adulto Manufá Matipu para saber sobre a preparação dos jovens e o uso da pintura da onça. Depois, comecei a transcrever a fala dos entrevistados em língua materna num caderno e, em seguida, fiz a versão na língua portuguesa no computador. Os dados da pesquisa apontam que, antigamente, a pintura era muito respeitada pelos idosos e disputada pelos lutadores que tomavam chá de raiz e passavam arranhadeira para fortificar e alguns levavam picada de *konto* (a sucuri). O espírito da sucuri ajudava na luta huka-huka para derrubar seu adversário. Além disso, o trabalho traz informações sobre a história do povo e sobre o grafismo (VIDAL, 1992). Dessa forma, este estudo vem documentar os conhecimentos dos mais velhos para que sejam repassados às futuras gerações, pois as histórias antigas são importantes para o povo, além do mais, poderá servir como material pedagógico para as escolas indígenas. Essa é uma forma de repassar nossa história, tendo em vista que, ao longo dos anos, vêm se perdendo os costumes de ouvir as histórias contadas pelos mais velhos.

Palavras-chave: Povo Matipu. Pintura Corporal. Lutador. Cultura

RESUMO NA LÍNGUA MATIPU

Takiko uāke kugeko inügu uheke, iku ügühütu ihatomi ihekeni, uāma anetüingo ügütu inhügu kangumukei gele atani, ikindotoingo gehale kangamuke inkgukilü ihatomi ihekeni. Undema uāke iku tüülü etinenügu, tüma inetinhi, unde ekuguma etihuntelü. Angi ande gele iku ihitsa kugeko heke hekite, eungeki kegikutselü, angaki geleha kukatangatelü, tüma andogopeko ngihitsanümi ekuguha? Iku ititü ihatomi gehale ihekeni agetsini, inhalü naha kangamukeko heke uhunümi katote, üleate hale uāke haingoko ingukeitsilü uheke isügühüki. Angi kaha katote gehale kugeko heke tuhuti kukikutselü? Tshügüi huanke inhalüha takuagai kugeko angudote eungeki egikutselükoi, andogope ekulahale hitseke ekugele ihisatiga, tikuhitinhüha uāke haingo tsügütsebeha ihisatiga. Tupisuginhüha uāke atsin, anetütsügütseha ipoinsatiga. Tehehei lehale egei ingigokomu kangamukeko heke hitseke egehungupe ipointsa, ekege inhombigü mukeha, kui hitsipügüha, inhalü leha inhengagüi pei.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Hototo ijatagü (asa de borboleta)	15
Figura 2 –	Ekege ikusü (pintura da onça).....	15
Figura 3 –	Cacique Yamatuá Matipu.....	16
Figura 4 –	Pintura da Onça, Djosô Mehinaku Kuikuro.....	19

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – A HISTÓRIA DO POVO MATIPU	11
1.1 Situação linguística	12
1.2 Organização social	14
CAPÍTULO II – GRAFISMO INDÍGENA	15
2.1 A pintura corporal do povo Matipu.....	15
2.2 Sobre o cacique Yamatuá Matipu	16
2.3 Sobre <i>Ekege ikusii</i> : a pintura corporal da onça	17
2.4 Descrevendo a pintura da onça.....	18
2.5 Preparação dos jovens para se tornarem lutadores.....	19
2.6 Quando o lutador se torna cacique	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS	23
CONSULTORES NATIVOS.....	23

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi realizado na aldeia Matipu, no Alto Xingu. Ela é localizada Município de Querência-MT, à esquerda do rio Xingu.

Atualmente o número de indivíduos que vive na aldeia Matipu se aproximadamente 91 pessoas, que falam a língua Matipu, pertencente à família Karib.

A ideia para fazer esta pesquisa, em relação à pintura corporal que os lutadores Matipu usavam, surgiu devido aos jovens e aos adultos não respeitarem mais o uso da pintura do lutador dos nossos antepassados. Por isso, fiquei interessado em registrá-la junto com os alunos e os mais velhos. O objetivo é analisar (mudanças) no uso da pintura corporal utilizada, atualmente, pelos jovens e adultos. É uma pesquisa importante, pois através desse registro as novas gerações poderão conhecer o significado da pintura corporal Matipu. Este material produzido também servirá como leitura para a escola, para que os alunos conheçam o significado da pintura da onça, usada pelos nossos lutadores antigamente.

Para o desenvolvimento da pesquisa, primeiramente, o projeto foi apresentado no centro da aldeia para as pessoas entenderem a forma de como eu iria realizar o trabalho. Depois combinei entrevistas com dois anciões que sabiam tudo sobre a pintura, seus significados, como funcionava antes na cultura Matipu.

Dando continuidade à pesquisa, num segundo momento, fui à casa do cacique Yamatuá Matipu e fiz entrevista com ele. Durante a entrevista, utilizei micro gravador para gravar a voz do cacique, o que estava sendo contado na oralidade, na língua materna. O cacique Yamatuá contou como foi combinado com seu pai Jalui Matipu, para que ele (filho) se tornasse grande lutador e, depois, cacique da aldeia. Quem indicou Yamatuá para ser líder do povo Matipu foi seu próprio pai, Jaluí Matipu.

Em outro momento, fui entrevistar o meu tio, Manufá Matipu, sobre preparação dos jovens. Ele começou a contar, na língua materna, todo seu conhecimento sobre os jovens que utilizavam a pintura da onça. Gravei tudo o que o ele contou durante a entrevista. Depois comecei a transcrever todas as falas dos entrevistados na língua portuguesa.

Foi assim que fiz a pesquisa de campo dentro da comunidade. O trabalho foi bom, pois meu pai me ajudou muito com seus sábios conhecimentos sobre a pintura do lutador Matipu.

CAPÍTULO I – A HISTÓRIA DO POVO MATIPU

Há muitos anos, antes da demarcação do Território Indígena do Xingu, a primeira aldeia do povo Matipu chamava-se Oti (campo). Nesse local eles viviam junto com o povo Kuikuro, só uma aldeia grande, tinha duas casas dos homens no centro da aldeia. Segundo narrativa do povo, eles se dividiram por causa de algo errado no trabalho, porque outro cacique queria ajudar o colega por material da casa, só que ele recusou contribuição e arrancou e jogou esteio da casa. Por isso, ele ficou muito sentido e resolveu procurar outro lugar para se mudar. Então se mudaram para a aldeia *Kuhikugu* (Kuikuro) e o restante da população ficou no local, chamado *Oti*.

As pessoas que ficaram na aldeia *Oti* eram do povo Matipu permaneceram naquele local. Isso foi na época da expedição dos bandeirantes e, com tempo, eles se mudaram para aldeia *Uagihutu* (jatobá), na região do atual município de Gaúcha do Norte-MT, no rio Mirassol. Lá eles ficaram muito tempo, no período da expedição roncador Xingu, no ano 1943. Em 1947, eles foram transferidos próximo ao CTL Leonardo Villas Boas, para facilitar atendimento da saúde e também para conhecer com outros povos do Xingu. Então, de lá, que Villas Boas escolheram local para eles, porque eles estavam junto com povo *Nafukuá* no Leonardo Villas Boas. Eles foram para aldeia *Magijape* (Nafukuá) que fica no município de Querência-MT. Lá eles ficaram junto com o povo *Nafukuá*, então, Jaluí Matipu resolveu abrir aldeia no local *Ngahunga*, onde atualmente é a aldeia Matipu que fica no município da Querência-MT.

Até hoje o povo Matipu está nesse lugar, desde que eles se separaram do povo *Nafukuá*, em 1979, segundo narrativa do cacique Yamatuá Matipu sobre trajetória do povo Matipu. Até hoje existem algumas plantas estão na aldeia velha como, pequis, pé de flechas, pedaços de cerâmicas, machado de pedra, marca do porto onde tomavam banho. Agora todas as plantas estão cobertas pelas matas, porque antigamente moravam nesse lugar um número bem maior de pessoas, eles passaram por muitos momentos tristes.

A região do Alto Xingu, também referida como alto, é uma zona de transição entre cerrado, dominante de na parte sul, e floresta amazônica, ao norte, com matas ciliares, de campos de diferente tipo de buritizais, rios e as alagoas. Nessa região, os Matipu convivem com nove outros grupos que pelo critério de filiação de linguísticas são:

1-*Yawalapiti*, *Waurá*, *Mehinako* e *Aweti* (família *Aruak*)

2-*Kuikuro*, *Kalapalo*, *Nafukua* e *Matipu* (família *Karib*)

3-Kamaiurá (família Tupi)

Os primeiros foi o povo Kalapalo, encontrado em 1944 pelos indigenistas Orlando Villas Boas. Isso foi no local na boca do rio Sete Setembro, porque *o povo Kalapalo* estava indo para pescaria.

O cacique Nahu Kuikuro foi convidado pelos Kalapalo para cumprimentar o indigenista, porque o cacique Nahu Kuikuro era o único que sabia falar em português. Ele cumprimentou Orlando Villas Boas e logo o indigenista perguntou sobre os outros povos. O cacique Nahu respondeu que havia um homem Yawalapiti morando na aldeia Kuikuro, era Kanatu. Kanatu foi chamado pelo indigenista para representar o seu povo Yawalapiti. Durante a expedição do sertanista, foram conhecendo outras etnias como: Mehinako, Kamaiura, Waurá, Aweti, Matipu, Kuikuro e Nafukuá. Foi assim que o povo conseguiu demarcação da Terra Indígena.

O Parque Indígena do Xingu (PIX) abriga, em seus 2.642.003 hectares, no estado de Mato Grosso, dezesseis povos diferenciados dos pontos de vista étnicos, linguísticos e sociocultural, com uma população estimada em 8.500 pessoas, distribuídas em mais de 42 aldeias.

Em 1975, o povo Matipu foi transferido do município de Gaúcha do Norte-MT para o município de Querência-MT.

Atualmente se divide em duas aldeias: Aldeia *Jaramü* que fica na fronteira do município de Gaúcha do Norte-MT e aldeia Matipu que fica no município de Querência-MT. Outros povos que ficam como vizinhos são: Kalapalo, Kuikuro e Nafukuá.

1.1 Situação linguística

A língua Matipu pertence ao tronco linguístico Karib. Hoje em dia, as novas gerações Matipu falam duas línguas e há apenas um falante da língua materna do povo Matipu. As línguas mais utilizadas para se comunicar, no cotidiano da aldeia, pelos Matipu são Kuikuro, Kalapalo e Nafukuá. Por isso, a língua original enfraqueceu, porque ninguém está valorizando mais a língua materna Matipu. Os jovens e os meninos falam outras línguas, pois eles são filhos de outros povos. Os filhos da falante da língua Matipu apenas compreendem o que ela diz, no entanto, não falam.

O que ocasionou o povo a se tornar multilíngue foram os casamentos com outras etnias como: Kalapalo, Kuikuro, Nafukuá e Aweti. Só a língua que está quase extinta, mas a cultura permanece mais forte ainda.

O povo Matipu ainda continua praticando os mesmos costumes dos antepassados, porque, assim, as crianças, os jovens e os adultos estão mantendo e fortalecendo a cultura para ficar mais valorizada.

O povo faz roçada, pescaria, dança e se pinta em qualquer momento, banham de madrugada, cultura do próprio do povo Matipu, para que as pessoas possam ter força para não ficarem fracas, acendem fogo para esquentar no centro da aldeia. Sempre a comunidade se reúne no centro da aldeia, com o cacique chamando a atenção do seu povo para não deixar os costumes que vêm dos antepassados desaparecerem. Isso acontece sempre a final da tarde.

O povo se pinta com urucum, que é usado pelo o povo como um tipo roupa, pois nos protege de queimaduras do sol.

As mulheres também praticam seus costumes, se pintam como se estivessem usando protetor, elas usam colar de caramujo no pescoço, na cintura usam fibra de buriti, para ficam bonitas.

Por enquanto, o povo está valorizando seus conhecimentos, alguns jovens pedem aos pais para contarem a história do passado. Isso ocorria sempre à noite.

Atualmente os jovens e os meninos praticam danças, tocam flautas, pintam, juntamente com adultos, participam de qualquer atividade e acompanham as construções das casas tradicionais, praticam huka-huka (luta corporal), não todo dia, como antigamente; pescam com arco e flecha, pescam com timbó, continuam aprendendo sobre medicina tradicional, valorizam o trabalho de raizeiros, parteiras e pajés. Tudo isso ainda é praticado no dia-a-dia da aldeia Matipu.

Porém, algumas práticas culturais, como a confecção de enfeites, flecha com pena de gavião e arara, canoas, remos, cestos, pentes, ouvir as histórias contadas pelos idosos, aprendizagem de músicas, brincadeiras infantil, aproximação dos jovens com os idosos, reclusão, educação tradicional, ensino, reunião de tarde no centro da aldeia e na casa dos homens, banho de madrugada, aquecimento com óleo de pequi e tintas naturais, atualmente são pouco praticados, como, por exemplo, as tintas naturais que estão sendo trocadas pelas tintas artificiais, como nanquim preta, vermelha e branca.

Durante a festa Kuarup, os povos não precisam muito usar o jenipapo, porque ela não sai logo. Além disso, as pessoas estão usando muitas tintas artificiais, como nanquim, para sair logo. Também na festa da taquara se pintam com o urucum e tintas artificiais e as

mulheres também usam na festa delas como *jamurikuma*, nunca vejo elas usando urucum original. Mas alguns estão usando, urucum e carvão, quase desvalorizados pelo povo Matipu, pois ninguém mais está plantado urucum.

1.2 Organização social

A organização social do povo Matipu continua sendo bem forte. Ainda há bastante articulação entre as pessoas, conscientização e valorização da cultura e dos costumes pelos adultos e, principalmente, pelos cantores que reúnem os jovens para manterem a festa.

As regras que são dirigidas à comunidade pelos caciques para orientar o povo são bem obedecidas. Para eles tomarem decisão de fazer alguns trabalhos coletivos, primeiramente, todos se reúnem no centro da aldeia, momento em que acontece a consulta a toda comunidade. Os caciques marcam realização de ritual, diante das pessoas reunidas para que todos participem de danças, ninguém pode ficar de fora. Nessa ocasião, não é permitido jogo de futebol, tocar som bem alto, ligar gerador e assistir TV durante a festa.

Existem determinados responsáveis pela organização das festas e rituais: o 3º cacique tem o papel de coordenar o povo, o 2º cacique é responsável pela aldeia, de receber os visitantes e o 1º cacique tem o poder de definir ou de dar a palavra final na decisão.

Outro ponto forte é a colaboração dentro da aldeia: cada um ajudando o outro, no fornecimento de alimentos, no plantio da roça e na construção da casa e trabalhos coletivos.

Dentro da organização social da minha comunidade, o cacique principal sempre chama a atenção do povo. É ele quem comanda o trabalho coletivo, qualquer festa, ritual de morte, construção da casa das lideranças, entre outras atividades. Qualquer festa que houver em outra aldeia, o cacique leva seu povo para participar deste encontro, é tudo organizado, dependendo de cada cacique.

Como são dispostas as casas na aldeia e quantas pessoas moram em cada casa. Depende da família que podem ficaram na mesma casa morando, quando a família aumenta pode dividir a casa. O casamento também dependendo que o homem e a mulher que encontra as pessoas que gosta dela. Ela vai casar com outra etnia ou mesma aldeia, assim que vai por diante organização da sociedade indígena seguido na aldeia Matipu.

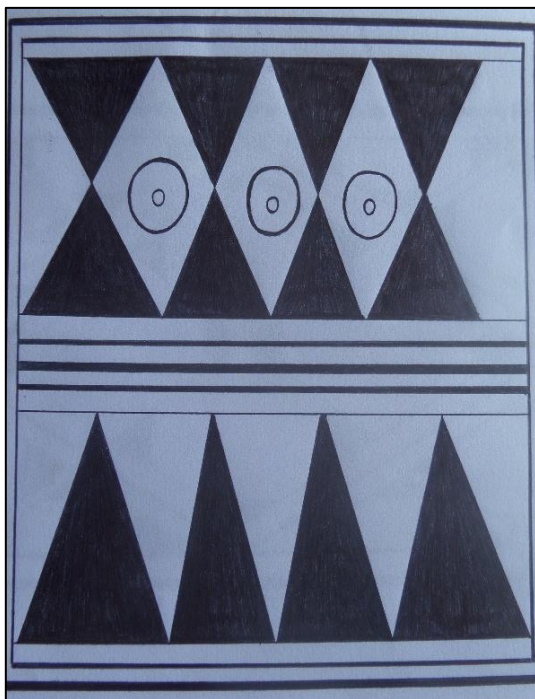
CAPÍTULO II – GRAFISMO INDÍGENA

Segundo Vidal (1992), [...] na tradição ocidental, as artes são separadas de outras vidas social e cultural, ainda que nem sempre tanto quanto nas sociedades indígenas. Ainda tratando do significado imediato dos grafismos entre as populações indígenas, Vidal (1992) relata que uma arte gráfica indígena expressa, muitas vezes, conceitos abstratos que encontram interpretação em representações figura ou em desenhos geométricos e grafismos, ou melhor, o que não é possível transmitir de forma oral.

Acredita-se também, segundo Vidal (1992), que os grafismos podem corresponder a conteúdos de ordem cosmológica e, fixando-se a atenção nas formas gráficas das culturas estudadas, pode-se conhecer qual a mensagem transmitida, como é transmitida é para quem? Assim pode-se fazer uma relação do que é transmitido pelos grafismos com outras esferas da sociedade estudada. Segundo Bruna Franchetto (2000 e 2001), na língua Karib do Alto Xingu, e suas variantes, *Iku* quer dizer “desenho, pintura”. Os termos pintura, desenho, grafismo, motivo e padrão são usados neste texto como sinônimo. *Iku* significa signo, linhas, pontos ou espaços geométricos vazios ou recobertos de cor, que decoram a pele pintura corporal.

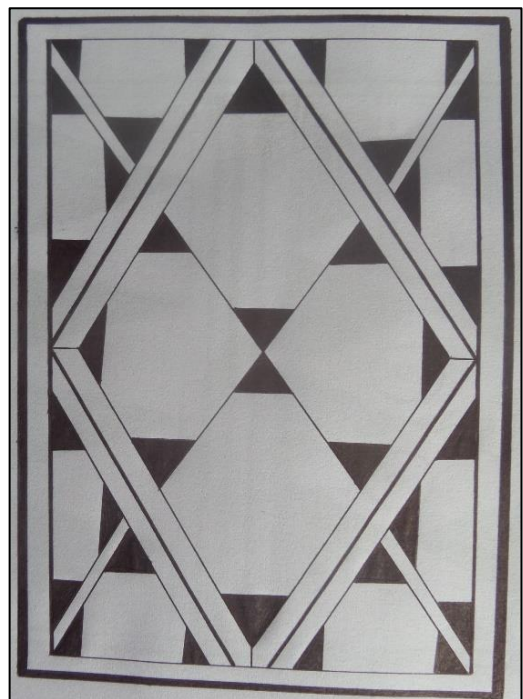
2.1 A pintura corporal do povo Matipu

Figura 1 – *Hototo ijatagü* (asa de borboleta)



Fonte: Acervo do pesquisador, 2015

Figura 2 – *Ekege ikusü* (pintura da onça)



Fonte: Acervo do pesquisador, 2015

A pintura corporal *Ekege ikusü* (pintura da onça, Fig. 2) é usada na parte da perna, até na axila, é a mesma coisa axila da borboleta (*hototo ijatagü*, Fig. 1). A pintura é feita pelo homem, são os homens que pintam o jovem lutador.

Existem vários tipos de pinturas corporais, como: asa de borboleta, de onça, gavião real, escama de peixe, trilha de formiga, lambaris, de sucuri, unha de tatu-canastra, pintura da alma, casca de jabuti, de sucuri, pé de anta (pintura infantil). No tópico a seguir, tratarei especificamente da pintura corporal *Ekege ikusü*, foco deste trabalho. As informações sobre tal pintura foram coletadas junto o velho Yamatuá Matipu, sábio conhecedor do assunto. Mas, primeiramente, vamos conhecer um pouquinho sobre o senhor Yamatuá Matipu.

2.2 Sobre o cacique Yamatuá Matipu

Figura 3 – Cacique Yamatuá Matipu



Fonte: Maike Matipu, 2015

O cacique Yamatuá Matipu tem 58 anos, é filho de Jalui Matipu e de dona Kutsamalu Matipu. Yamatuá fala nas línguas Kuikuro, Kalapalo e Nafukuá e língua portuguesa. O cacique Yamatuá Matipu tem 4 filhos e mais 3 filhas.

O cacique Yamatuá já foi julgado e considerado grande lutador de huka-huka, passou seis anos na reclusão, possui duas formações: de lutador e de cacique. Atualmente ele é representante do seu povo e é reconhecido como grande flautista e cantor. Durante o período de reclusão, tomava chá de ervas e passava arranhadeira no braço para ficar fortificado.

2.3 Sobre *Ekege ikusü*: a pintura corporal da onça

De acordo com o cacique Yamatuá, a pintura corporal do povo Matipu surgiu há muito tempo, desde que *Taugi* (sol) homenageou a morte da sua mãe. Ela era a mãe dos dois gêmeos como *Taugi* e *Aulukuma* (sol e a lua), porque era nesse momento que estava surgindo a festa Kuarup. Foi nessa ocasião que todos os lutadores escolheram sua pintura.

Dois irmãos, *Taugi* e *Aulukuma* (Sol e Lua) pensavam em como realizar o encontro, assim o primeiro ritual do Kuarup foi para homenagear a morte da mãe de *Taugi* que se chamava *Sangitsegu*. Tudo foi pensado e planejado na aldeia *Sagihengu*. Os polvilhos foram fornecidos aos convidados durante o ritual e encontro dos anciões para criar as pinturas corporais, nomear as regras, tudo era novidade para vários convidados.

Os mensageiros levavam recado para outras aldeias e convidava os animais, os peixes e as aves para participarem da cerimônia Kuarup. Os convidadores foram para cada aldeia dos animais, dos peixes e das aves. Passaram as mensagens aos convidados, dizendo que ficariam acampados ao redor da aldeia *Sagihengu*, onde o sol e lua estavam homenageando a morte da sua mãe. No fim de tarde, os convidados pegavam o fogo para se aquecerem, acontecia a apresentação dos povos convidados e, no dia seguinte, a luta. *Tāugi* explicou sobre as regras do ritual e o uso das pinturas. Cada um escolheu sua pintura, ninguém imitou dos outros, cada um ficou com seu símbolo.

Os grupos eram premiados pelas pinturas. *Ekege* (a onça), representante dos animais, foi campeã na luta, oficializando-se o nome da pintura: *Ekege ikusü* (pintura de onça), para os lutadores.

Tāugi, dono da festa, foi cumprimentado e parabenizado pelo grupo dos animais, finalizando, assim, a cerimônia do Kuarup sugiram para o povo Matipu.

Daí em diante, a pintura da onça tornou-se, definitivamente, o símbolo do lutador.

O cacique Yamatuá explica que hoje em dia, mudou muito o uso da pintura entre os jovens e os adultos, pois estão usando em qualquer momento, não era assim que lutadores do antigo usava. É somente o filho do cacique que passou pelo processo de formação que pode usar a pintura e os enfeites de onça, couro e unha. Após sua maturidade (por volta dos 50 e 80

anos) ele assumirá a função de cacique principal na comunidade. Na sociedade *matipu*, a função de cacique é passada de pai para filho.

Por isso, é preciso ter muito cuidado com o uso da pintura da onça, pois ela não pode ser usada por qualquer pessoa, era somente o lutador que a usava no tempo dos nossos antepassados.

Naquele tempo, as pessoas respeitavam muito a pintura da onça, pois antigamente somente o lutador usava essa pintura. Para o povo Matipu, essa pintura tem um grande significado, porque aquele que usa a pintura da onça é bastante respeitado, pois é símbolo de homem forte.

No entanto, além da pintura da onça, há vários tipos de pintura que qualquer pessoa pode usar nas festas tradicionais, como a pintura de sucuri, usada pelos jovens e pelos adultos. Os pais também usam essa pintura porque precisam do espírito da sucuri para ajudar os filhos durante a luta de huka-huka.

Entretanto, hoje em dia, jovens e adultos estão usando a pintura da onça em qualquer momento, como, por exemplo, na festa da taquara, ou até mesmo, sendo usada por pessoas que não são lutadores ou não se prepararam para isso. E usada dessa maneira, ela não tem significado nenhum.

2.4 Descrevendo a pintura da onça

O jovem da Figura 4 está usando a pintura da onça. Isso é um desrespeito, porque ele não é lutador e nem futuro cacique. Ele está usando esta pintura para ficar bonito. Mesmo usando esta pintura, ele perdeu para o seu adversário.

Antigamente somente o homem mais lutador é que usava esta pintura, como símbolo dele. Hoje em dia qualquer pessoa está usando, sem saber o significado da pintura.

Figura 4 – Pintura da Onça-Djosô Mehinaku Kuikuro



Fonte: Maike Matipu, 2015

2.5 Preparação dos jovens para se tornarem lutadores

Quando os pais decidiam que os filhos iam se tornar lutador e futuro guerreiro, os rapazes podiam passar pelo processo de preparação na reclusão, que se iniciava entre 14 e 18 anos de idade. O jovem ficava de três a quatro meses na reclusão e como ele seria futuro cacique, teria que passar por essa formação, sem poder sair da casa, somente conversava com a família que morava na mesma casa. Ele ficava sentado no quarto dele, sendo os pais responsáveis por ele. Durante a reclusão, tomava chá de ervas e raízes (*jali tehugu*) para ficar forte, passavam arranhadeira uma vez por semana e passavam remédio nos braços e nas costas

e, de vez em quando, passava no corpo inteiro. Ele podia usar braçadeiras de barbante para engrossar os braços. Depois de tomar o chá de raízes, ele tinha que ficar sem comer sal, frutas, milho, comidas gordurosas, pirão e peixe assado. Só comiam peixe cozido sem caldo. A idosa da família era quem preparava as comidas para os jovens se tornarem lutador. Ele também não podia manter relação sexual durante esse período.

No entanto, entre os anos 1972 e 1990, os rapazes começaram a demonstrar desinteresse em passar por esse processo de formação, devido à comida dos não índios que chega à aldeia, mudando o hábito alimentar desses jovens. Por conta disso, não aceitam a alimentação tradicional que devem receber durante a reclusão.

Embora haja vontade e incentivo dos pais, alguns jovens não querem se tornar lutador porque não aguentam passar arranhadeira no corpo, na costa a partir do braço e o remédio que passa depois da arranhadeira é muito doloroso.

Depois de quatro meses na reclusão, o jovem começa a praticar luta corporal no centro da aldeia junto com outros lutadores de huka-huka da comunidade, mas ainda sem usar a pintura corporal específica do lutador. Ele ainda continua na reclusão, praticando e passando arranhadeira e remédio no braço e nas costas, obedecendo as regras estabelecidas pelos pais.

Ao findar o processo de reclusão, o jovem é liberado para participar de todas as atividades e festas tradicionais da comunidade e, também, volta a se alimentar normalmente de qualquer alimento que ele pode comer como: sal, pimenta, sal do índio, perereba e vem de fora industrializado.

2.6 Quando o lutador se torna cacique

Após os 60 ou 80 anos de idade, ele se torna segundo cacique, momento em que passa a usar os enfeites de couro e unha de onça. Esses enfeites são usados em festas tradicionais, reuniões da comunidade e demais ocasiões especiais.

Uma dessas ocasiões especiais, por exemplo, é quando o convidador da festa do Kuarup chega à aldeia. Nesse momento, o cacique pode usar seu enfeite para recebê-lo e cumprimentar seus convidados no centro da aldeia, porque o enfeite que ele está usando indica que ele é cacique. É ele quem comanda a sua aldeia e pode receber qualquer pessoa que vem como mensageiro. Somente o filho do cacique que passou pelo processo de formação é que pode usar estes enfeites durante a festa, porque um dia ele vai assumir como cacique maior da aldeia.

Segundo o velho Yamatuá, antigamente, as pessoas respeitavam o uso do enfeite, mas hoje em dia mudou muito o uso de enfeites, pois qualquer pessoa está usando, principalmente, os jovens. Isso não tem mais respeito de uso este enfeite pelos jovens e adultos também.

De acordo com o cacique Yamatuá Matipu, ainda deveria ter preparação e reclusão, como acontecia com nossos antepassados. Hoje nem os jovens e nem os pais se interessam pela preparação do lutador para usar a pintura da onça.

Houve mudanças na cultura, na organização social, na educação tradicional, por causa das tecnologias que chegaram à aldeia, principalmente, TV, celulares, computadores, gravadores, câmera filmadora e rádio de comunicação. As pessoas passaram a assistir novelas, filmes, houve mudanças nos cortes de cabelo e alguns indígenas passaram a usar tatuagem do não índio. “O jenipapo que a gente usava no passado, hoje em dia quase ninguém está usando mais, por causa de outras tintas artificiais, como nanquim que eles estão usando no momento. Porque, a tinta artificial é mais fácil para sair, os jovens e os adultos não querem ficar uma semana com tintas de jenipapo”, diz o senhor Manufá Matipu.

Segundo Yamatuá, nos últimos anos, as novas gerações já não estão valorizando mais os conhecimentos dos idosos, os mais velhos estão perdendo o controle sobre os jovens, havendo perda da cultura,

Como não querem aprender, conhecer seus costumes, os rapazes estão deixando de suas próprias culturas como: praticar de huka-huka (luta corporal), rezas, as histórias, corte de cabelo tradicional, passar urucum, óleo de copaíba, confeccionar cestos, canoa, remo, arco e flechas etc.

Hoje em qualquer momento, o jovem está usando enfeite e pintura da onça, pois acham bonito. Para nós, tem maior significado, para a gente essa pintura é símbolo do guerreiro e o indica como o líder da comunidade, finaliza Yamatuá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi registrar e analisar as mudanças que houve no uso da pintura e enfeite específicos para o cacique/líder do povo Matipu, em nossa cultura.

Dessa forma, este trabalho vem documentar os conhecimentos dos mais velhos para que sejam repassados às futuras gerações, pois as histórias antigas são importantes para o povo do Alto Xingu, além disso, servirá de material pedagógico para as escolas indígenas. Essa é uma forma de repassar nossa história, tendo em vista que, ao longo dos anos, vêm se perdendo os costumes de ouvir as histórias contadas pelos mais velhos. Não devemos deixar que se percam a nossa cultura e tradições. A nossa cultura é identidade do povo.

Na verdade, os mais velhos (as) sempre passam a vida dos antepassados para seus netos (as). As pinturas não têm mais significados como muito tempo atrás, como nossos bisavós usavam e eram bem respeitados. Atualmente, qualquer jovem pode usar a pintura da onça na festa, qualquer pessoa usa o enfeite, mesmo não sendo considerada o futuro líder do povo.

A pintura é identidade do povo xinguano, corte de cabelo, furo de orelha, a pintura corporal é identidade dos indígenas.

Então sempre estou ensinando meus alunos sobre a cultura indígena, porque é importante eles aprenderem e conhecerem seu mundo ou mundo dos não indígenas.

Na verdade, a comunidade está se preocupando muito, pois alguns jovens estão saindo da aldeia para estudar fora e depois não respeitam mais os costumes do povo. Os alunos não querem tirar roupa, não querem usar urucum, óleo de pequi, óleo de copaíba, corte de cabelo, enfim. Não tem mais interesse em saber a história contada, a música tradicional, a música ritual, somente estão pensando nas coisas de fora, etc. Por isso, a comunidade Matipu quer que seus filhos (as) aprendam na língua materna primeiro e segundo a língua portuguesa. De vez quando, convidamos o historiador para contar alguns mitos do nosso povo. É assim que desenvolvendo meu o trabalho dentro da comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VIDAL, Lux. **Grafismo Indígena:** estudo de antropologia estética. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Editora da Universidade de São Paulo, 1997/ 2000.

CONSULTORES NATIVOS

MATIPU, Manufá. Cantor do povo Matipu.

MATIPU, Yamatuá. Cacique do povo e reconhecido como grande flautista e cantor.